

A Ameríndia de Adélia Carvalho e a Religião Comparada

*Luis Carlos de Lima Pacheco**

1 INTRODUÇÃO

Adélia foi uma fiel participante do Grupo de Estudo Transdisciplinaridade e Diálogo, ligado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, encantando todos com sua simplicidade e ternura. Entre estudos e reflexões nunca faltavam as guloseimas trazidas por Adélia para partilhar com os participantes. No final de um dos encontros de nosso grupo de estudo fui surpreendido por Adélia que me presenteou com uma reprodução de sua obra original Ameríndia impressa em canvas com uma dedicatória no verso. Conheci o trabalho de Adélia Carvalho em 2011, quando a entrevistei no Programa Teologando (Programa, 2011) veiculado na Internet. Durante a gravação do programa ela estava dando as primeiras pinceladas na tela que viria a ser a obra Ameríndia (óleo sobre tela, 105 x 86 cm, 2011). No Curso de Verão de 2015, em Belo Horizonte, Adélia Carvalho apresentou a pintura Ameríndia ao público. A obra foi capa do segundo volume da coletânea “Espiritualidades, transdisciplinaridade e diálogo”, e-book de uma série que recolhe os estudos do nosso Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife (Aragão; Vicente, 2018). Na ocasião do falecimento da artista da caminhada em 2022, o teólogo Eduardo Hoornaert a homenageou com um artigo publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos, afirmando que a obra Ameríndia “representa, por meio de uma proliferação de símbolos, a história de cinco séculos de cristianismo no continente ameríndio e as esperanças que o povo latino-americano nutre” (Hoornaert, 2022).

O nosso Grupo de Estudo do Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, sediado na Universidade Católica de Pernambuco e ligado ao Grupo de Pesquisa Espiritualidades Contemporâneas, Pluralidade Religiosa e Diálogo, se debruçou nos últimos anos ao estudo comparado das religiões para subsidiar cientificamente o Instituto Museu Parque das Religiões na montagem das salas de exposição do Museu Eco Parque das Religiões que será localizado no coração do Sítio Histórico da cidade de Olinda, em Pernambuco. Esse artigo procura ser um estudo comparado da figura de Maria e da Pachamama, a Deusa Mãe-Terra do povo quéchua e de maior expressão nas religiões

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, luca.pacheco@unicap.br

indígenas latino-americanas, a partir da riqueza simbólica dessa obra de Adélia Carvalho, com a fundamentação teórica dos elementos constitutivos para a configuração de um estudo comparativo das religiões apresentados por Oliver Freiberger (2021). Esse artigo procura elucidar elementos que nos ajudem na reflexão sobre o pluralismo cultural e religioso de nosso continente e sua contribuição para uma espiritualidade genuinamente latino americana do cuidado com a Terra Mãe. Na primeira parte do trabalho apresento a obra Ameríndia e sua simbologia. Na segunda parte analiso a obra com os referenciais teóricos da religião comparada, da complexidade/transdisciplinaridade, dos arquétipos da psicologia analítica, da teologia e da mitologia das religiões. Nas considerações finais introduzo uma reflexão sobre a transreligiosidade e o princípio pluralista, sem a pretensão de apresentar conclusões definitivas sobre o tema, mas de contribuir para os pesquisadores que se dedicarem ao fascinante campo do estudo comparativo das religiões.

2 AMERÍNDIA

Figura 1 – Ameríndia. Adélia Carvalho, óleo sobre tela, 105 x 86 cm, 2011



A figura dominante da obra é uma mulher indígena grávida, sentada num tapete com os braços abertos, a Ameríndia. A figura divina claramente remete à Maria no cristianismo, e à figura da Mãe-Terra nas religiões indígenas. A obra tem uma composição circular simétrica que une os elementos visuais em torno da figura central da Deusa sentada em um tapete

indígena. Esse grande círculo mescla as esferas do sagrado e profano numa interseção entre símbolos cristãos e indígenas. Um semicírculo no topo é emoldurado com padrões das tapeçarias e cerâmicas indígenas e faz uma interseção com o círculo central da deusa. De dentro do semicírculo um cordeiro derrama o seu sangue que escorre pelos corpos de duas serpentes que descem circundando o rosto da Deusa e se encontram numa ave que adorna os ombros da divindade com suas asas e com o bico apontando para uma jóia que adorna o ceio à mostra. Hoornaert (2022) levanta a questão: “será o Espírito Santo? É ele que dará vida ao embrião?” Os símbolos continuam sua composição ascendente na direção de outro círculo, o ventre da Deusa, que abriga uma criança iluminada. A Deusa está adornada com penas e jóias. Ela tem a pele morena dos indígenas, traços grossos, olhos grandes (característica comum nas obras de Adélia) e olha diretamente para nós, os observadores. Seus braços estão abertos e as palmas das mãos viradas para o público da obra, ao mesmo tempo apontam para as margens do grande círculo, onde se apresenta a realidade latino-americana. De seus punhos brotam chamas de fogo e duas flores que ladeiam a Deusa, uma com pétalas rosadas e outra com pétalas azuis. No topo do grande círculo outro semicírculo faz uma intercessão em forma de um galho de cajueiro repleto de folhas e frutos. No fundo vemos o cosmo estrelado.

Os elementos figurativos da história e realidade latino-americanas estão nas margens do grande círculo e ocupam as laterais do quadro. No lado esquerdo vemos uma narrativa visual do processo de colonização desde as grandes navegações, passando pelo derramamento do sangue indígena com a anuência da Igreja, simbolizado pela água do batismo forçado derramada das hastes de uma cruz em forma de cabo de uma adaga que derrama sangue sobre uma índia, passando pela escravidão simbolizada por um canavial e uma ama de leite acorrentada amamentando uma criança branca enquanto a criança negra derrama lágrimas, até chegar a uma paisagem urbana que contrasta edifícios e fábricas com uma favela, terminando em uma espiral de fogo.

No lado direito vemos as bandeiras da China, Estados Unidos e Brasil, mescladas umas nas outras descortinando retirantes nordestinos. Logo abaixo duas crianças, uma segura um prato vazio e a outra uma flor branca. Mais abaixo duas crianças estiradas com marcas de bala derramam sangue sobre duas manilhas que equilibram a composição com a espiral de fogo do outro lado e escorrem esgoto sobre crânios humanos. É inegável o impacto visual que a presença desses símbolos provoca no observador da obra *Ameríndia* de Adélia Carvalho. Um olhar mais atento na obra revela uma proliferação de símbolos que extrapola aos limites

desse trabalho. No entanto, proponho uma análise da figura central da Deusa através de um estudo comparado sobre a Maria do cristianismo e a Mãe-Terra dos povos indígenas.

3 MARIA E PACHA MAMA

Oliver Freiberger (2021) apresenta como elementos constitutivos para a configuração de um estudo comparativo os objetivos, modos, escalas e escopos de comparação. Os “objetivos” consistem na orientação disciplinar do estudo e, portanto, se relacionam com o público a que o estudo se destina. Um estudo teológico procura responder à questão de Deus ou do Divino, mas não tem a pretensão de abranger uma compreensão geral da religião, que se situa no campo das Ciências da Religião. Nos objetivos se distingue também a descrição e classificação. A descrição visa uma melhor compreensão de um determinado item histórico-empírico por meio da comparação. A classificação utiliza a comparação para avaliar criticamente e refinar a terminologia metalingüística para classificar fenômenos religiosos. Minha pesquisa abrange o campo das Ciências da Religião e descreve comparativamente as figuras de Maria, do cristianismo, e de Pacha Mama, a Mãe-Terra Inca, procurando classificar teórica e arquetipicamente o feminino sagrado na obra de Adélia Carvalho.

Freiberger aponta os “modos” iluminativo e taxonômico como os mais promissores para o estudo da religião. O modo iluminativo visa iluminar um item histórico-empírico particular, especialmente pontos cegos assumidos, recorrendo comparativamente a outros casos. Quando, por exemplo, um elemento de uma religião ajuda a iluminar a outra religião que está sendo estudada. No meu estudo comparativo do sagrado feminino na Ameríndia de Adélia Carvalho a concepção diferenciada da sacralidade da natureza na cosmovisão dos povos indígenas ilumina e interpela uma nova relação com a natureza nas tradições cristãs. O modo taxonômico visa formar ou modificar tipologias, taxonomias, classificações ou categorizações metalingüísticas e, portanto, a formação de teorias. Trata-se de descrever e identificar características comuns e nomeá-las criticamente, como procurei realizar nesse estudo da Ameríndia de Adélia Carvalho.

Já a “escala” de uma comparação marca o grau em que o estudo amplia os itens a serem comparados. Significa determinar a escala e escolher um mapa, ou seja, decidir em qual nível de abstração se pretende comparar, numa escala pequena ou grande, por exemplo. Comparar elementos de escalas diferentes pode ser prejudicial à pesquisa. Ampliar no mesmo grau cada elemento contribui para os resultados da comparação. É importante considerar

comparações de indivíduos particulares em seus contextos locais até comparações de religiões inteiras, ou seja, estar ciente dos três níveis: micro, meso e macrocomparativo. Minha pesquisa, portanto, não tem a pretensão de comparar as duas tradições religiosas cristã e indígena, mas sim a figura do sagrado feminino presente nessas religiões que compõem a religiosidade latino americana.

A categoria "escopo" reflete a distância entre os itens comparados em um estudo entre os âmbitos contextuais, transculturais e trans-históricos. Estudos com abrangência contextual comparam-se dentro de um contexto histórico ou meio cultural que pode ser delineado espacial e temporalmente. Estudos com escopo transcultural vão além das fronteiras culturais postuladas. O estudo comparativo da Ameríndia de Adélia Carvalho abrange os âmbitos contextuais, transculturais e trans-históricos do fenômeno religioso do sagrado feminino nas fronteiras da interculturalidade e transreligiosidade presentes na formação de uma espiritualidade genuinamente latino americana.

A teoria complexa-transdisciplinar de Edgar Morin (2005) e Barsarab Nicolescu (2002) dialogam com Freiburger na tarefa do estudo comparado. Para Freiburger (2021), o processo comparativo deve considerar a seleção, descrição, justaposição, redescrção, retificação e formação teórica. Ele apresenta o conceito de “terço da comparação”, ou *tertium comparationis*, um ponto ou questão que deve ser selecionado em relação ao qual dois ou mais itens devem ser comparados. Na concepção de diversos níveis de Realidade (Nicolescu, 2002, p. 45) e da lógica da inclusão ou do terceiro incluído (Lupasco, 1994) há um terceiro termo que faz a ligação entre os diversos níveis de realidade que podem parecer opostos num olhar superficial e, no entanto, se reconciliam em outros níveis de realidade. No estudo comparativo das figuras de Maria e da Mãe-Terra o terço de comparação é o sagrado feminino (Campbell, 2018; McLean, 2020), ou o arquétipo da Grande Mãe telúrica (Jung, 2002, p. 92; Neumann, 1963), energia arquetípica que reconcilia a relação do ser humano com a sacralidade da natureza, negligenciada pelo patriarcalismo das religiões monoteístas.

As imagens do cordeiro imolado, das serpentes, da ave e da criança são símbolos da nova criação que evocam energias arquetípicas de transformação. No cristianismo o Cordeiro imolado é o Cristo que dá a própria vida para resgatar a humanidade. As serpentes têm significado cosmológico em diversas culturas e religiões, como o Uroboros grego, a serpente circular que engolia a sua própria cauda, representando a destruição e a eterna renovação do universo (O’Connell, 2016. p. 140). Na mitologia, o uroboros representa a totalidade como símbolo dos pais primordiais unidos, que se dividem posteriormente na figura do Grande Pai e

da Grande Mãe. E nas cosmogonias indígenas a serpente desempenha um papel criador e de transformação. A ave é identificada com o Espírito Santo pelos cristãos, a terceira pessoa da Santíssima Trindade que une o Pai e o Filho e renova a face da terra. Os xamãs indígenas incorporam as aves em seus vôos espirituais. A criança é o Filho de Maria no cristianismo, Deus que se faz homem e vem habitar entre nós para mostrar o seu amor incondicional, sobretudo aos massacrados pela opressão. O arquétipo da Criança Divina, o *Puer Aeternus* (Jung, 2002, p. 161), remete ao despertar de uma nova possibilidade, de uma potencialidade de vida, mesmo diante do sofrimento e opressão, que a obra de Adélianuncia e aponta. Essa nova criação é plasmada no útero de Maria, a Mãe-Terra, Grande Mãe, gerando novo cosmo, onde a natureza é respeitada, na imagem da interseção entre o grande círculo central e o semicírculo formado pelo cajueiro cheio de folhas e frutos, bem como pelas duas flores que surgem das mãos da Deusa reconciliando os dois opostos que se complementam, o masculino e o feminino.

A Grande Mãe, figura arquetípica presente em várias culturas e religiões, personificada na cultura ancestral dos Incas, um grupo indígena que habitava as terras da Cordilheira dos Andes, como Pachamama, a Mãe-Terra. A palavra Pacha tem um sentido mais amplo, significando toda a natureza e o cosmos. Pachamama é a Mãe Natureza, o princípio da fertilidade agrícola, personificada como mãe cuidadora da natureza e da vida, protetora dos seres que habitam seu seio, considerados seus filhos até os dias atuais, pois a devoção à Pachamama resistiu a séculos de imposição religiosa européia e sobrevive até os dias de hoje na cultura e religiosidade quéchua (Oliveira, 2013, p. 352).

Com a chegada dos conquistadores espanhóis em 1532, a tentativa de erradicar a religião pagã inca foi marcada por violência, punições e uma rápida imposição do catolicismo. Essa imposição serviu como pretexto para desmantelar e saquear os tesouros incas, incluindo objetos de ouro e prata, folhas e barras dedicadas aos deuses andinos, realidade vivida em toda a América Latina nesse período. Essa imposição abrupta também influenciou as expressões artísticas. Os primeiros mestres da arte na colônia eram frades, padres e monges das ordens religiosas que acompanharam os primeiros espanhóis na sua chegada a Cuzco em 1533, incluindo os jesuítas, franciscanos e dominicanos. Eles ensinaram aos Incas como retratar os recém introduzidos santos e virgens católicos em pinturas que decorariam as novas igrejas construídas sobre templos e lugares sagrados incas. Os artistas incas, ao representar as virgens como formas de montanhas e os santos com pele morena, fundiram elementos católicos com a cultura andina. Essa fusão resultou na sobreposição iconográfica,

característica central do estilo artístico conhecido como Escuela Cusqueña, gênero que floresceu entre os séculos XVI e XVIII e é reconhecido mundialmente hoje em dia. Nessa transformação, a Mãe-Terra permaneceu como a divindade onipresente nos Andes peruanos, representada como montanhas virgens em Maria, cujos vestidos lembravam as montanhas. Já na *Ameríndia* de Adélia Carvalho vemos a figura da Mãe-Terra totalmente indígena nos seus traços, cor da pele e vestimenta, agora investida com os símbolos cristãos do Cordeiro, do Espírito Santo e da Conceção divina. Ela é também a Maria dos cristãos.

Na iconografia religiosa desde a chegada dos espanhóis, os rituais e oferendas a Pachamama continuaram a se desenvolver ao longo do período colonial em locais remotos e escondidos. O principal ato de devoção à Mãe-Terra é chamado *Shala*, ou “pago” à Pachamama, que consiste em um culto de oferendas pelos dons da terra, correspondendo à visão social da cultura andina (Oliveira, 2013, p. 354). Embora o dia mais auspicioso seja o 1º de agosto, esse ritual pode ser realizado na primeira sexta feira de qualquer mês.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo comparativo da Maria dos cristãos e da Mãe-Terra das espiritualidades indígenas se apresenta como um estudo de caso que pode iluminar e fomentar os pesquisadores a utilizar o instrumental teórico da religião comparada no contexto latino americano numa perspectiva decolonial. Por se tratar de uma análise de elementos simbólicos arquetípicos presentes nos encontros e desencontros dessas duas tradições religiosas que estão nas raízes da religiosidade da América Latina, a pesquisa articulou olhares das teorias da complexidade/transdisciplinaridade, psicologia analítica, teologia e mitologia das religiões.

A presença de elementos simbólicos dos povos indígenas na obra *Ameríndia* de Adélia Carvalho aponta para a passagem de uma visão identitarista do religioso para uma visão relacional do transreligioso (Gilbraz, 2023). A arte da religiosa salesiana é a expressão de uma mística que transcende sua própria tradição espiritual na direção de uma espiritualidade que recolhe os encontros e desencontros que plasmaram a religiosidade latino americana. A *Ameríndia* de Adélia é ao mesmo tempo a Maria do cristianismo e a Pachamama dos povos ameríndios, com rosto próprio e corpo cultural concreto. A obra articula em imagens os conceitos de decolonialidade, hibridismo, entre-lugares e pensamento ameríndio.

Adélia é filha da Teologia da Libertação e sua obra expressa a resistência ativa dos povos ameríndios ao longo de 500 anos, marcada não só por levantes e insurreições no

período colonial, mas sobretudo pela preservação de suas línguas nativas, seus cultos, suas orações, seus lugares sagrados, seus símbolos e sua esperança, representada na obra pela figura da Criança Divina prestes a nascer. Mas seu olhar sobre a pluralidade não se esgota nas práticas sociopolíticas e nas contradições dos discursos religiosos representados em sua obra, porque o grande círculo da Deusa, âmbito do sagrado feminino, realiza interseções que unem sagrado e profano, Cordeiro imolado e povo sofrido, frutos da terra e exploração socioambiental. De acordo com o princípio pluralista, fundamentado na ideia de Homi Bhabha de que existe um terceiro espaço que não pertence a mim ou ao outro (Simões, 2022), as interseções circulares da obra de Adélia são entre-lugares que fazem emergir novas sínteses de uma espiritualidade do cuidado com a Terra Mãe.

Esses espaços tomados como entre-lugares nos contextos coloniais e pós-coloniais exigem uma abordagem não dualista sobre a realidade, e sim uma abordagem desse terceiro que endossa a pluralidade como princípio aberto para experiências de transreligiosidade. A abordagem do sagrado feminino da Ameríndia de Adélia Carvalho nos convoca a um novo modo de conhecer, a partir das epistemologias do sul. Somente com uma mudança dos modos de conhecer ocidentais para modos de conhecer que eu chamaria de genuinamente latino-americanos podemos exercitar olhares decoloniais.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Maruilson. O sentido e o fim das religiões: Wilfred Smith e uma teologia mundial fundamental para o triálogo. **Paralellus**, Recife, v. 14, n. 34, p. 49-74, 2023. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/2352/2178>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- ARAGÃO, Gilbraz; VICENTE, Mariano (Orgs.). Espiritualidades, transdisciplinaridade e diálogo. **Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife**, UNICAP, Recife, v. 2, 2018 (e-book). Disponível em: https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2018/08/E-book-Espiritualidades-transdisciplinaridade-e-di%C3%A1logo-2_Observat%C3%B3rio-das-Religi%C3%B5es-no-Recife-1.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.
- CAMPBELL, J. **Deusas**: os mistérios do divino feminino. São Paulo: Palas Athena, 2018.
- CARVALHO, Adélia. **Ameríndia**. 2011. Óleo sobre tela, 105 x 86 cm. Coleção particular.
- FREIBERGER, Oliver. Elements of a comparative methodology in the study of religion. In: ADAMS, Maurice; HOECKE, Mark Van (orgs.). **Comparative Methods in Law, Humanities and Social Sciences**. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2021.
- HOORNAERT, Eduardo. A arte de Adélia Carvalho: uma homenagem de Eduardo Hoornaert. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2022. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621393-a-arte-de-adelia-carvalho>. Acesso em: 14 Mai. 2024.

JUNG C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUPASCO, S.; MAILLY-NESLE, S.; NICOLESCU, B. **O homem e as suas três éticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

McLEAN, Adam. **A Deusa Tríplice**: em busca do feminino arquetípico. Editora Cultrix, 2020.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEUMANN, E. **The Great Mother**: an analysis of archetype. Princeton: Princeton University Press, 1963.

NICOLESCU, Basarab. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. In: VVAA. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.

O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque ilustrado dos símbolos**: origens, significados, utilização e revelações: os códigos secretos dos mistérios, magia e sabedoria de todos os tempos. São Paulo: Editora Escala, 2016.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. **O agir de Deus nos Andes**: diálogo e missão com os quéchuas. 2013. Orientador: Mario de França Miranda. 2013. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PROGRAMA Teologando. **A Bíblia como inspiração para uma arte libertadora**. Direção: Luca Pacheco. Entrevistados: Irmã Adélia Carvalho; Dom Sebastião Armando. Vídeo (15 min). v. 4. UNICAP, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=afQP_6bgG_A. Acesso em 10 Jun. 2024.

SIMÕES, Maria Cecília. Fronteiras, alteridade e povos indígenas: acerca da decolonialidade e do princípio pluralista. In: OLIVEIRA, Cláudio (Org.). **Princípio pluralista e decolonialidade**. São Paulo: Editora Recriar, 2022, p. 127-144.